

35.

## CAPELA DA SENHORA DA LIVRAÇÃO DE FANDINHÃES



Rua da Nossa Senhora da Livração, Paços de Gaiolo, Marco de Canaveses

41° 6' 22.95" N  
8° 7' 45.93" O

918 116 488

✕

Senhora da Livração  
Último dom. de maio

Monumento de Interesse Público, 2012

P. 25

P. 25

✕

**E**nigmática, a Capela hoje consagrada à Senhora da Livração surge como um caso isolado no seio do românico português. Se ao longo da história da arte se registou uma tendência para ampliar ou substituir capelas-mores nas igrejas românicas, neste caso em particular estamos diante daquilo que pode ser um exemplo oposto, confirmada a hipótese de a nave daquela que foi a igreja paroquial de Fandinhães ter sido demolida, seguramente antes de 1758. Esta igreja, que nos tempos medievos era dedicada a São Martinho, terá tido uma nave única, retangular. As escavações arqueológicas, em 2016, identificaram os alicerces das paredes norte e sul da nave, na continuação do atualmente visível à superfície, bem como a existência de uma necrópole utilizada na época moderna e medieval naquilo que foi o seu espaço interior. Implantada a cerca de 500 metros de altitude, afastada dos canais de circulação paralelos aos cursos de água, São Martinho de Fandinhães foi edificada seguindo a orientação canónica, não se abrindo assim ao espaço humano e agrícola que supostamente deveria proteger. Pelo contrário, o seu percurso foi definitivamente marcado por esta distância e pelo avanço da humanização em direção ao vale.

Já no século XIII se começava a povoar o lugar de Paços de Gaiolo, de "Gayol" ou "Goyol".

Assim, chegados a este local deparamo-nos com uma Capela, que a determinada altura da sua vivência viu o culto a São Martinho ser suplantado por São Brás e depois pela invocação mariana. Hoje, apenas permanece a capela-mor, sendo que o arco triunfal foi convertido em portal principal. Junto deste ainda vemos pelas ruínas, ao modo do gosto românico, os arranques da nave (que ainda foram começados ou que se deixaram ficar), mais larga e mais alta que a cabeceira, como era de regra.

Este testemunho arquitetónico da época românica é mais uma prova da itinerância de formas e de artistas que tão bem caracterizou este momento da Idade Média.

Seguindo um modelo que encontramos em Travanca (Amarante) (p. 212) e em Abragão (Penafiel) (p. 152), vemos esculpidas, nos capitéis do portal principal, figuras atlantes de aresta que se apoiam em folhas salientes. No atual adro vemos dois silhares que, pelas formas que ainda ostentam, dariam corpo a uma característica cornija sobre arquinhos, motivo muito querido ao românico da bacia do Sousa e que a ela chegou através de Coimbra. A existência de toros diédricos nas frestas fala-nos de uma influência provinda da região do Porto e que a foi buscar à região francesa de Limousin. E, já que falamos de elementos de origem estrangeira disseminados por centros que entre nós os assimilaram, repare-se no tema das *beak-heads*, divulgado a partir de São Pedro de Rates (Póvoa de Varzim), a ornamentar as aduelas da fresta sul.

## AS BEAK-HEADS

Motivo de importação anglo-saxónica, foi a partir de São Pedro de Rates (Póvoa de Varzim) que o motivo das *beak-heads* se disseminou amplamente pelo território português. Trata-se da figuração de cabeças de animais que mordem o toro das aduelas. Além da arquivolta interna do portal da torre de Travanca (Amarante) (p. 212), surge este motivo nas aduelas do exterior da fresta fundeira do panteão dos Resendes (Mosteiro de Cárquere, Resende (p. 121)), no arco envolvente da fresta sul da capela-mor de Fandinhães e, caso único em Portugal, no arco triunfal de Tarouquela (Cinfães) (p. 109). Todavia, neste último exemplo, em vez das tradicionais cabeças de pássaro, encontramos figuradas cabeças de tigres ou de lobos. No claustro do Mosteiro de Paço de Sousa (Penafiel) (p. 90) conserva-se, ainda hoje, uma aduela avulsa com este tema.



Se na maior parte dos cachorros exibem-se motivos de sabor geométrico, no meio destes destacam-se dois com a representação de figuras humanas algo estilizadas e, noutro ainda, o tema do *exibicionista*, figura masculina acorçada, representada nua e com a mão direita sobre os órgãos genitais, enquanto a esquerda se coloca no rosto, esquema que encontramos igualmente em Tarouquela (Cinfães) (p. 109).

Já nos arranques da nave, do lado norte, vemos representada uma ave (um pelicano?), e, do outro lado, vemos uma nova aproximação à temática do *exibicionista*. Um homem afaga com ambas as mãos a sua barba, tratada de forma estilizada, recordando o desenho de uma tipologia comum a vários edifícios românicos espanhóis ou na figura da mísula que, do lado direito, sustenta o tímpano do portal principal de Paço de Sousa (Penafiel) (p. 90).



## A ICONOGRAFIA ROMÂNICA

É comum ao românico europeu a iconografia com temas provocatórios e obscenos, embora sejam muito frequentes temas menos explícitos, mas igualmente alusivos ao pecado da luxúria como as sereias, as mulheres acompanhadas de serpentes ou estas últimas sozinhas e que cremos ver representadas num capitel do atual portal principal, no mesmo lado sul, da Capela de Fandinhães.

No espaço que outrora pertencera ou pertenceria à nave, duas lajes identificam duas sepulturas. A de maiores dimensões tem gravada uma espada, bastante estereotipada: lâmina, guarda reta e punho. Na outra laje, mais pequena, foi desenhada uma simples cruz.

Sobre o portal principal, a fresta foi tapada por um painel azulejar recente, polícromo, representando a Virgem com o Menino.

No interior da Capela, um retábulo em estilo barroco nacional, polícromo, abriga a imagem da padroeira ladeada pelos seus antecessores, São Brás, à esquerda, e São Martinho, à direita. Destaque-se o frontal de altar composto por azulejos de aresta de sabor mudéjar, formando uma composição floral geometrizada.

